

Ele era uma estrela da ciência. Então, promoveu uma cura questionável contra a Covid-19 -
Resumo por Amanda Rossi

Ele era uma estrela da ciência. Então, promoveu uma cura questionável contra a Covid-19

O homem por trás do tratamento não comprovado e favorito de Trump conquistou uma grande carreira atacando a ortodoxia. Sua declaração sobre uma taxa de cura de 100% chocou cientistas de todo o mundo.

Publicada em 12 de maio de 2020

RESUMO EM PORTUGUÊS:

O microbiologista francês Didier Raoult, de 68 anos, ganhou fama internacional depois que o tratamento que propôs contra a Covid-19 foi promovido pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, como uma cura milagrosa. Raoult fundou e dirige o hospital de pesquisa conhecido como Institut Hospitalo-Universitaire Méditerranée Infection (IHU), localizado em Marselha, França, e financiado, principalmente, com dinheiro público. Sua carreira é marcada por ataques a ortodoxia. “Não há nada que eu goste mais do que explodir uma teoria bem estabelecida”, declarou uma vez. Nos últimos dez anos, ajudou a identificar cerca de 500 novas espécies de bactérias que vivem em seres humanos - cerca de um quinto de todas já descritas. Até agora, sua descoberta mais conhecida era a do primeiro vírus “gigante” - que o fez rejeitar a teoria da evolução de Darwin. Detesta consenso e cortesias. Acredita que a ciência deve ser uma batalha.

Dentro deste espírito, e debaixo da dura objeção de seus pares - e também como forma de irritá-los - Didier Raoult propôs a combinação de hidroxiclороquina, um medicamento contra malária, e azitromicina, um antibiótico comum, como tratamento contra a Covid-19. Chegou a declarar: “Nós sabemos como curar a doença”. As declarações de Raoult se baseavam nos resultados de um estudo clínico muito pequeno, com apenas 36 pessoas infectadas, realizado no IHU, e divulgado em 16 de março. Segundo o microbiologista, os testes haviam demonstrado uma taxa de cura de 100%. Todos os pacientes tinham baixas cargas virais do vírus - ou seja, casos leves de Covid-19 ou pessoas nos estágios iniciais da doença. Dentre os 36 pacientes, 16 eram do grupo de controle; 14 foram tratados com sulfato de hidroxiclороquina; 6 com uma combinação de sulfato de hidroxiclороquina e azitromicina. No sexto dia dos ensaios clínicos, os testes para Covid-19 foram positivos em 14 dos 16 pacientes do grupo de controle; 6 dos 14 tratados só com sulfato de hidroxiclороquina; zero entre os 6 pacientes tratados com a combinação das duas drogas.

Desde então, o estudo vem sendo amplamente criticado por cientistas. Em resumo, o estudo tem diversas falhas, os resultados teriam que ser comprovados em ensaios clínicos com mais pacientes e, além disso, era preciso observar os possíveis efeitos colaterais. Entrando em detalhes, o estudo de Raoult mede apenas as cargas virais dos pacientes. Não há dados sobre a resposta clínica, ou seja, se os pacientes apresentaram melhora dos sintomas. Além disso, a análise dos resultados feitas por Raoult não leva em conta outros seis pacientes que estavam tomando hidroxicloroquina, mas acabaram sendo excluídos do estudo - um abandonou o tratamento, outro parou de tomar o remédio porque teve náuseas, três tiveram que ir para a UTI e um morreu. Dessa forma, o número total de pessoas tratadas com hidroxicloroquina não foi de 20 (sendo 14 tomando apenas a hidroxicloroquina e 6 em a combinação com azitromicina), mas de 26. “Então, na verdade, 4 dos 26 pacientes [tratados com hidroxicloroquina] não estavam se recuperando”, observa Elisabeth Bik, consultora científica que analisou o estudo de Raoult. “Meus resultados sempre parecem incríveis se eu excluo os pacientes que morreram”, escreveu, sarcástica, Elisabeth Bik.

Por isso, os resultados de Raoult vem sido tratados como inúteis. O médico Anthony Fauci, um dos principais integrantes da força-tarefa criada da Casa Branca contra o coronavírus, já declarou diversas vezes que os resultados do estudo são “anedóticos”. O bioestatístico que analisou o estudo para o comitê consultivo sobre coronavírus do governo francês escreveu que “é impossível interpretar o efeito descrito no estudo como efeito do tratamento com hidroxicloroquina”. Mas o máximo que o estudo de Raoult foi capaz de demonstrar foi que 20 pessoas com Covid-19, que quase certamente teriam sobrevivido à doença sem tratamento algum, também sobreviveram ao tratamento com hidroxicloroquina por seis dias.

Trump começou a promover a hidroxicloroquina em 19 de março, em uma conferência de imprensa da Casa Branca. “Eu acho que pode representar uma grande mudança. Ou não. E talvez não. Mas eu acho que pode ser, baseado no que eu vi. Muito poderoso”. Em seguida, um funcionário da FDA, a agência que regula os medicamentos nos Estados Unidos, gentilmente corrigiu Trump, informado que seria necessário conduzir um grande ensaio clínico para avaliar o valor terapêutico da hidroxicloroquina. Ainda assim, a FDA, aparentemente sob forte pressão do governo Trump, concedeu uma autorização de emergência para o uso de fosfato de cloroquina e sulfato de hidroxicloroquina. O CDC, a pedido de Trump, emitiu orientações para prescrições dos medicamentos - mas depois voltou atrás e retirou as orientações. Um funcionário de alto escalão do governo americano alegou que foi removido do cargo por ter resistido às pressões políticas para financiar o uso de drogas perigosas, como a hidroxicloroquina.

Trump não foi o único entusiasta da formulação de Raoult. Variações do tratamento estavam sendo testadas na França, Itália, China, Índia. Cerca de um de cada cinco ensaios clínicos de

medicamentos contra a Covid-19 estão pesquisando a hidroxicloroquina. No França, Raoult se tornou uma das “personalidades políticas” mais populares, de acordo com uma pesquisa feita em março, com apelo particular entre os extremos populistas.

Outros cientistas teriam lidado com mais cautela ao se depararem com resultados como os obtidos por Raoult, buscando confirmá-los em ensaios clínicos com mais participantes e com critérios mais rigorosos. Mas Raoult gosta de se ver como um médico em primeiro lugar, com mais obrigação de tratar seus pacientes do que de produzir dados confiáveis de pesquisa. “Nós pensamos que precisávamos dividir as boas novas, porque, talvez, tivéssemos descoberto uma forma de ajudar”, declarou um dos co-autores do controverso estudo.

No início, Raoult não levou a pandemia a sério. Para ele, havia um “alarmismo” exagerado entre especialistas. Duvidava que o vírus fosse se espalhar para fora da China e, caso se espalhasse, imaginava que seria um problema terrível. “Eu não sei, talvez as pessoas não tenham o que fazer, então ficam procurando na China algo para terem medo”, disse uma vez. Já no início de março, seu instituto começou a receber pacientes infectados com o coronavírus. A partir de então, todos os esforços do IHU se voltaram aos SARS-CoV-2. Logo, Raoult obteve autorização para começar um pequeno ensaio clínico com hidroxicloroquina.

Desde o início da carreira, Raoult fez diversos experimentos com reposicionamento de medicamentos - quando medicamentos já aprovados contra uma doença passam a ser usados contra uma outra doença. Raoult acredita que, entre as centenas de moléculas já aprovadas para uso humano, há diversas curas ainda não previstas. Em um desses experimentos nos anos 1990, Raoult havia testado uma combinação de hidroxicloroquina e doxiciclina contra uma doença causada por bactéria intracelular, conhecida como Febre Q, e observado que o medicamento reduzia a proliferação das bactérias. Depois, testou a mesma combinação contra a doença de Whipple, também causada por bactéria intracelular. Hoje, a combinação é um tratamento padrão para ambas doenças.

Devido às semelhanças entre bactérias intracelulares e vírus, Raoult imaginou que a hidroxicloroquina poderia ter um efeito antiviral. Quando a pandemia chegou no IHU, o microbiologista iniciou os testes. Como as infecções respiratórias virais frequentemente geram infecções bacterianas secundárias, Raoult quis administrar um antibiótico de forma suplementar. Escolheu a azitromicina, com a qual já tinha trabalhado contra a Zika. “Se você vai escolher um [antibiótico], melhor que seja um que já se mostrou ativo contra um vírus”, explicou um colaborador de Raoult no IHU.

Em meados de abril, foram divulgados os resultados iniciais de um estudo mais amplo conduzido por Raoult, com 1,061 pacientes tratados com hidroxicloroquina e azitromicina. O

estudo não teve grupo de controle e nem foi randomizado. O estudo foi publicado em modo “pre-print”, ou seja, sem revisão por pares. Até a publicação, 8 pacientes tinham morrido, 46 tiveram um “resultado clínico ruim” e 5 continuavam hospitalizados. As descobertas foram resumidas da seguinte forma: “98,7% dos pacientes curados até agora”, fazendo do tratamento uma opção “segura e eficiente”. Novamente, outros cientistas discordaram. “A taxa de cura é praticamente idêntica à observada no curso natural da doença”, afirmou o virologista Christine Rouzioux. Karine Lacombe, professor de medicina em Paris disse que as conclusões de Raoul são de um “pensamento mágico”. “Eu sinceramente acredito que ele [Raoult] não apresentou nada até agora”. Em seguida, foi descoberto que esse segundo estudo não havia sido aprovado pela comissão ética da França. E que mais dois pacientes acabaram morrendo, elevando o número para 10 mortos - taxa de mortalidade de 1%, similar a de países que estão fazendo uma testagem ampla para identificar casos de Covid-19.